

PINCELANDO TERRITÓRIOS DE EXPRESSÃO: O ATELÊ PINTANTE COMO PORTAL SENSÍVEL NA INFÂNCIA

Ana Clara Gonçalves Ramos de Brito, graduanda em licenciatura em Pedagogia em
Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza-CE, Brasil,
clara.goncalves@aluno.uece.br

RESUMO

O presente relato de experiência apresenta reflexões e observações acerca da influência do Ateliê Pintante no desenvolvimento artístico e expressivo na infância, a partir de sua instauração em um Centro de Educação Infantil (CEI) da rede municipal de Fortaleza, Ceará. A experiência tem como eixo temático, Pincelando territórios de expressão: o ateliê pintante como portal sensível da infância, fundamentando-se nos princípios do Closlieu, concebido por Arno Stern, que compreende a pintura como uma necessidade humana vital, anterior à intenção estética. Inserido no cotidiano da Educação Infantil, o Ateliê Pintante configura-se como um ambiente acolhedor, criativo e livre de julgamentos, no qual as crianças podem pintar sem interferências interpretativas. Stern (2016) defende que, no Closlieu, a criança não pinta com finalidade estética ou comunicativa, mas porque o ato de pintar responde a uma necessidade orgânica e estruturante do desenvolvimento humano. Assim, o artigo tem como objetivo analisar as contribuições desse espaço para a construção da autonomia, da personalidade e da liberdade de expressão na infância, trata-se de um relato de experiência apoiado em observações do cotidiano pedagógico, que busca compreender a arte como linguagem plástica na infância. Dessa forma, a pintura quando preservada de avaliação, constitui-se como um portal de expressão, destacando o papel do adulto como servidor do espaço e mediador, ao proporcionar um ambiente organizado e intencionalmente estruturado, com isso, as crianças aprofundam seus traços com significado, estabelecendo uma relação segura e autônoma com a pintura.

Palavras-chave: Ateliê Pintante. Educação Infantil. Arno Stern. Arte livre. Expressão plástica.

INTRODUÇÃO

A linha que tece a infância é constituída por um tecido sensível em que imaginação, descoberta e expressão se entrelaçam, revelando as múltiplas formas pelas quais a criança compreende e significa o mundo. Nesse período da vida, a criança constrói conhecimentos por meio da interação com o meio e das pessoas ao seu redor, explorando diferentes formas de expressão que lhe permitem comunicar percepções, sentimentos e experiências. Durante essa etapa a criança recorre às diversas linguagens para se comunicar e expressar seus sentimentos e compreensões com as pessoas no seu cotidiano, assim, na educação necessário práticas pedagógicas voltadas para a infância que reconheça e valorize as múltiplas linguagens das

crianças, compreendendo que elas se expressam e se relacionam com o mundo de maneiras diversas.

A abordagem pedagógica desenvolvida nas escolas de Reggio Emilia, na Itália, destaca a importância dessas múltiplas formas de expressão infantil. Segundo Loris Malaguzzi, idealizador dessa abordagem, salienta que a criança possui “cem linguagens”, isto é, inúmeras maneiras de pensar, sentir, imaginar e comunicar suas experiências. Entre essas linguagens, destacam-se o gesto, o movimento, o brincar, a fala, o desenho e as expressões artísticas, que constituem formas legítimas de construção de conhecimento e de comunicação na infância.

Nesse contexto, a linguagem plástica, que envolve o desenho, a pintura, a modelagem e outras formas de criação artística, ocupa lugar de grande relevância no desenvolvimento infantil. Por meio dessa linguagem, a criança explora materiais, experimenta cores, formas e texturas, desenvolvendo não apenas habilidades motoras, mas também sua capacidade de imaginar, simbolizar e expressar emoções. A arte, portanto, não deve ser compreendida apenas como uma atividade estética ou decorativa, mas como uma forma de comunicação que, por sua vez, possibilita à criança expressar aspectos observados e compreensões de seu mundo interior.

A partir dessa compreensão, Stern desenvolveu o conceito de Closlieu, que significa “lugar abrigado”, um espaço especialmente organizado para a prática da pintura livre, no qual a criança pode pintar sem julgamentos, interpretações ou comparações.

[...] uma sala sem janelas, com a mesa-paleta disposta no centro com suas 18 cores, onde se pinta em um papel fixado na parede. As paredes são revestidas, do chão ao teto, com um material isolante macio que permite o uso de “tachinhas”, as quais fixam os papéis na parede. Esse material é coberto por um papel pardo, o papel “kraft”, onde se depositam os “transbordamentos” das pinceladas das pinturas, em que vai se criando uma “textura dos rastros coletiva”. Ao longo do tempo, deve-se mover os papéis na parede para que toda sua superfície vá sendo coberta, formando a textura de traços horizontais e verticais coloridos, característica estética marcante do Closlieu (Goldberg, 2025, p. 5).

Nesse ambiente, o adulto assume o papel de servidor do espaço, garantindo as condições necessárias para que a criança desenvolva sua expressão de forma autônoma e espontânea. Assim, o ato de pintar transforma-se em um “jogo de pintar”, no qual a criança experimenta gestos, movimentos e relações com os materiais, construindo sua própria linguagem plástica (STERN, 2016).

Dessa forma, a arte quando integrada de maneira significativa com intencionalidade pedagógica, proporciona à criança o desenvolvimento da própria linguagem artística. Em centros de educação infantil (CEI), que têm a responsabilidade no desenvolvimento integral da criança e de proporcionar experiências pedagógicas que valorizem as múltiplas linguagens da

infância e ao reconhecer a arte como uma linguagem fundamental, as instituições educativas ampliam as possibilidades de expressão das crianças, favorecendo experiências estéticas, sensíveis e criativas.

A partir dessa vertente de valorização da educação artística que, no ano de 2024, germinou com muito cuidado e alegria a ideia de construir um Ateliê Pintante para as crianças e logo em seguida instaurado em um Centro de Educação Infantil da rede municipal de Fortaleza, Ceará. A criação do ateliê teve como objetivo oferecer um espaço dedicado à experimentação artística, no qual as crianças pudessem explorar a pintura como forma de expressão livre, respeitando suas singularidades e ritmos de desenvolvimento. Sendo inspirado nos princípios do Closliu propostos por Arno Stern, o Ateliê Pintante foi concebido como um ambiente acolhedor e sensível, no qual a pintura é vivenciada como linguagem e como experiência significativa na infância. Nesse espaço, as crianças são convidadas a participar do jogo da pintura, explorando cores, gestos e movimentos de maneira livre, sem interferências interpretativas ou avaliações externas.

De acordo com Stern (2016), a expressão plástica infantil é frequentemente interpretada de maneira errônea pelos adultos, que tendem a avaliar os desenhos e pinturas das crianças com base em critérios estéticos ou representativo, obtendo uma compreensão da arte infantil como uma expressão ingênua e fantasista. No entanto, o autor destaca que a criança não pinta com a intenção de produzir uma obra de arte ou comunicar algo, mas porque o ato de pintar atende a uma necessidade humana profunda de expressão. Nesse sentido, a pintura constitui uma atividade estruturante do desenvolvimento, permitindo que a criança manifeste sentimentos e experiências por meio de signos, formas e cores.

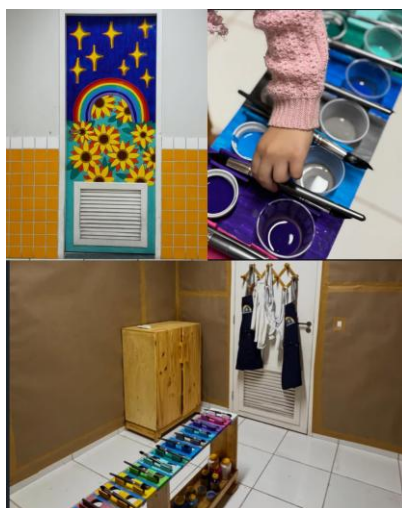
Diante dessas considerações, o presente artigo tem como objetivo analisar o Ateliê Pintante, por meio de uma pesquisa qualitativa, como um espaço pedagógico de expressão e sensibilidade na Educação Infantil, buscando compreender de que maneira esse ambiente contribui para o desenvolvimento da autonomia, da criatividade artística e da liberdade de expressão das crianças atendidas no Centro de Educação Infantil.

O ATELIÊ PINTANTE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

A abordagem acerca do Ateliê emergiu a partir da observação de todo o processo de sua construção e implantação, concebido como um espaço destinado à utilização pelas crianças para a realização de produções livres e expressivas. Inicialmente idealizado por um professor que trabalha na instituição, o projeto rapidamente se ampliou, tornando-se um sonho coletivo,

compartilhado por todos que compõem o Centro de Educação Infantil (CEI). Tal mobilização encontra fundamento na filosofia institucional, inspirada no provérbio africano no qual afirma que “é preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”, evidenciando o caráter colaborativo e comunitário do processo educativo. Nesse sentido, cada elemento constituinte do ateliê carrega um valor simbólico, resultante do esforço conjunto e do envolvimento afetivo de toda a comunidade escolar que semeia diariamente a essência cuidadora e construtiva das infâncias. Dessa maneira, vejamos algumas imagens do ateliê no CEI.

Imagem 1: O Ateliê Pintante



Fonte: Acervo pessoal (2025)

A implantação do Ateliê no Centro de Educação Infantil representou, portanto, a criação de um espaço antes pouco utilizado, em um lugar pedagógico de pertencimento e livre expressão infantil, onde os direitos podem ser colocados em prática de forma efetiva e conectado aos princípios estéticos da infância ao vivenciar o fazer artístico, segundo Maurice Merleau-Ponty (1999), a criança se relaciona com o mundo por meio do corpo e da experiência sensível, percebendo antes mesmo de elaborar racionalmente aquilo que vivencia, isso também é o que as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009) fundamenta, ao abordar em seu texto a importância de oferecer ambiente que incentivem o desenvolvimento da criança. Ademais, ainda contém em sua extensão a defesa do direito aos princípios fundamentais norteadores da educação infantil, são eles, éticos, políticos e estéticos. Portanto, inspirado nas concepções do educador Arno Stern, o ateliê foi organizado com o objetivo de possibilitar experiências de pintura baseadas na liberdade de criação, sem interferências interpretativas ou direcionamentos estéticos que agradem ao público, mas sim quem produz a arte, valorizando o processo em detrimento do produto final, sendo o espaço não configurado apenas como um espaço físico destinado à realização de atividades artísticas, mas

como um ambiente pedagógico que favorece o desenvolvimento da sensibilidade, da autonomia e da criatividade. Tal proposta fundamenta-se na compreensão de que a pintura constitui uma forma de expressão própria da criança, sendo concebida como uma linguagem, relacionada ao seu processo de desenvolvimento e à necessidade de manifestar sentimentos, percepções e experiências. De acordo com a Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, em seu art. 6º as práticas pedagógicas na educação infantil devem respeitar os princípios:

“As propostas pedagógicas da Educação Infantil devem respeitar os seguintes princípios:

I – Éticos: da autonomia, da responsabilidade, da solidariedade e do respeito ao bem comum, ao meio ambiente e às diferentes culturas, identidades e singularidades;

II – Políticos: dos direitos de cidadania, do exercício da criticidade e do respeito à ordem democrática;

III – Estéticos: da sensibilidade, da criatividade, da ludicidade e da liberdade de expressão nas diferentes manifestações artísticas e culturais” (BRASIL, 2009, p. 16).

A partir dessa perspectiva, no âmbito político, o Ateliê no CEI assegura à criança o direito de participação, escolha e protagonismo, permitindo que ela se expresse livremente e construa suas próprias narrativas por meio da linguagem plástica. No que se refere à dimensão ética, promove o respeito à singularidade de cada criança, valorizando suas produções sem comparações ou julgamentos, fortalecendo a identidade e a autoestima. Já na dimensão estética, consolida-se como um espaço de sensibilidade, criação e experimentação, no qual as crianças ampliam seu repertório expressivo ao ter contato com diversos materiais que incentivam a realizarem suas produções, utilizando tintas de diversas cores, pincéis, papel em um ambiente que facilita o rompimento da realidade e transporta para um universo artístico expressivo, ao transportar a criança para um ambiente construtivo que é o ateliê, esse contexto mesmo estando na escola faz o diferencial no cotidiano e no desenvolvimento na infância, pois a rotina escolar há demasiadas atividades e demarcações de horários, como hora da alimentação, parquinho, sono, higienização, entre outros, assim o esse espaço inserido no contexto da Educação infantil, salienta que há possibilidades de integrar no cotidiano o fazer artístico de forma positiva.

Para Stern, a pintura realizada no espaço do Closlieu deve ser compreendida como um jogo expressivo, no qual a criança participa de maneira espontânea e livre. Nesse jogo, o ato de pintar não está associado à produção de obras destinadas à apreciação estética, mas à vivência do próprio processo criativo, valorizando a experiência como elemento central. No contexto da creche, essa perspectiva revelou-se significativa, pois permitiu que as crianças se aproximassem da pintura como uma forma de experimentação e descoberta. Ao entrar em contato com o Ateliê

Pintante, muitas crianças demonstraram curiosidade e interesse pelo espaço, explorando os materiais de maneira investigativa, criativa e autônoma. Observou-se, ainda, o fortalecimento do vínculo com o ambiente, bem como o desenvolvimento de atitudes de concentração, envolvimento e prazer no ato de criar.

Dessa forma, o Ateliê Pintante configura-se não apenas como um espaço de produção artística, mas como um ambiente pedagógico que materializa, na prática, os princípios das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, promovendo experiências significativas que integram as dimensões política, ética e estética no cotidiano educativo.

O JOGO DA PINTURA E O INTERESSE DAS CRIANÇAS PELO ATELIÊ

Ao longo das experiências vivenciadas no Ateliê Pintante, foi possível perceber a pintura ocupando um lugar significativo na rotina das crianças, deixando de ser apenas uma atividade corriqueira para tornar-se um momento esperado e desejado. Com o passar do tempo, tornou-se comum que as próprias crianças manifestassem o desejo de participar das vivências no ateliê, perguntando se já era o dia de ir e quando iriam voltar ao espaço de pintura, como quem deseja revisitar um lugar onde se sente pertencente. Esse movimento revela que o ateliê foi sendo constituído, no olhar das crianças, como um espaço de liberdade e experimentação, no qual podem se expressar sem interferências. Nesse contexto, ao adentrar no espaço do ateliê, distinto do ambiente externo, a criança começa a compreender por meio da mesa de tintas disposta no meio da sala, pinceis e diversas tintas, o jogo de pintar na prática, no movimento repetitivo entre tinta e folha percebe-se as regras vividas no ambiente que se sustenta no próprio ato de pintar.

Nessa perspectiva, o jogo de pintar, conforme concebido por Arno Stern, não se orienta pela produção de algo a ser avaliado ou interpretado, mas pela experiência do gesto. A criança não pinta para mostrar, agradar ou representar, ela pinta porque algo nela pede passagem. o pincel torna-se uma extensão do corpo em ação.

Ao entrar nesse jogo, a criança explora cores, movimentos e marcas de acordo com suas próprias escolhas, repetindo gestos, investigando possibilidades e construindo percursos que não precisam ser explicados. Há, nesse processo, uma continuidade do fazer que não é interrompida por exigências externas, permitindo que a criança permaneça, retorne e se aprofunde na experiência. Quando o ambiente é preservado de avaliações e interpretações, a criança sente-se segura para mergulhar nesse jogo, desenvolvendo uma relação mais autêntica com sua expressão. A pintura, então, deixa de ser uma produção voltada ao olhar do outro e

passa a constituir-se como uma linguagem própria, construída no tempo e no ritmo de cada criança.

No Ateliê Pintante, essa relação tornou-se visível no envolvimento progressivo das crianças com o ato de pintar. Observou-se uma permanência prolongada no espaço, marcada por concentração, interesse e continuidade do gesto. Muitas vezes, as crianças permaneciam imersas em suas produções por longos períodos, explorando diferentes cores, experimentando novos movimentos com o pincel e retornando aos mesmos traços, como se seguissem um percurso interno. Assim, mais do que realizar pinturas, as crianças pareciam habitar o jogo da pintura, um jogo silencioso, profundo e significativo, no qual corpo, gesto e sensibilidade se entrelaçam, permitindo que cada uma se expresse de forma singular, livre e inteira. Vejamos algumas das produções artísticas das crianças, pinturas estas realizadas por crianças na faixa etária de 0 a 5 anos.

Imagem 2: Pinturas das Crianças



Fonte: Acervo Pessoal (2025)

PINTURA, O CORPO E A LIBERDADE DE EXPRESSÃO NA EDUCAÇÃO ARTÍSTICA

O mundo da criança abre-se-nos sempre um pouco mais quando praticamos a educação artística. Aparece-nos em quadros sucessivos. Depressa reconhecemos o estilo de cada criança, quer dizer à sua maneira de jogar com o vocabulário da expressão infantil [...] (STERN, 1974, p. 17).

A infância constitui-se como um território sensível, no qual imaginação, descoberta e expressão se articulam, dando forma às maneiras singulares com que a criança compreende o mundo. Nesse sentido, quando nos comprometemos com uma educação artística de qualidade, percebemos que nosso papel vai muito além de propor atividades, passamos a abrir caminhos para que as crianças se expressem, criem e se reconheçam em suas próprias produções.

No cotidiano do Ateliê Pintante, a pintura foi se revelando como algo muito maior do que uma prática artística, ela envolvia o corpo, o movimento e a expressão de forma muito integrada, não era apenas sobre pintar, mas sobre viver aquela experiência. Nesse percurso, as crianças não chegavam no espaço para cumprir uma tarefa, mas para explorar, experimentar e se envolver com o que estavam fazendo.

Durante as idas ao ateliê, ficou evidente o quanto o ato de pintar contribui para o desenvolvimento motor, especialmente na coordenação motora fina. Ao segurar o pincel, mergulhar na tinta e realizar diferentes traços com os pinceis finos e grossos, as crianças iam, aos poucos, ganhando mais controle sobre seus movimentos, naturalmente na própria experiência. Ao mesmo tempo, a pintura mobilizou o corpo inteiro, muitas crianças se inclinava, mudavam de posição, movimentavam braços e até o tronco para acompanhar o gesto, foi possível perceber que o corpo participava ativamente do processo, uma conexão entre pensamento, emoção e movimento, isso reforça que na infância, a expressão não está separada do corpo, pelo contrário, ela nasce dele. No Ateliê Pintante, a pintura se tornava uma forma de a criança agir sobre o mundo, experimentar possibilidades e se expressar de maneira própria.

Outro aspecto relevante refere-se ao modo como a liberdade de expressão foi sendo gradativamente construída no contexto do Ateliê Pintante. Inspirado nos pressupostos de Arno Stern, o espaço foi concebido como um ambiente no qual as crianças pudessem realizar suas produções pictóricas desvinculadas de julgamentos, modelos preestabelecidos ou da necessidade de falar o significado de suas produções. Essa perspectiva não implica ausência de organização ou de intencionalidade pedagógica., pelo contrário, há cuidado com a preparação do ambiente, a organização dos materiais e suas disposições.

Ao longo do processo, tornaram-se perceptíveis mudanças significativas nas atitudes das crianças, que passaram a demonstrar maior confiança em suas produções. Observou-se, ainda, uma ampliação no uso das cores e dos gestos, revelando maior espontaneidade e fluidez nas criações, isso fortaleceu a segurança das crianças. Essa liberdade teve impacto não só na forma de pintar, mas também na forma como as crianças se colocavam. Ao perceberem que não estavam sendo comparadas ou avaliadas, elas se mostravam mais tranquilas, mais envolvidas e mais disponíveis para criar. A pintura deixava de ser algo para agradar o outro e passava a ser uma experiência delas.

Assim, o Ateliê Pintante foi se constituindo como um espaço de cuidado com a expressão infantil. Um lugar onde a criança pode experimentar, errar, tentar de novo, sem medo. Mais do que desenvolver habilidades, esse espaço contribui para que ela se reconheça, se expresse e construa uma relação mais segura consigo mesma e com o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O mundo plástico da criança é um conjunto de signos, símbolos e leis com os quais joga segundo as necessidades provocadas pelos seus sentimentos. Se dizemos que ela joga, é porque a sua criação obedece precisamente às regras de um jogo.” (STERN, 1965, p. 46).

Ao retomar essa compreensão, torna-se possível olhar para a experiência do Ateliê Pintante não apenas como uma prática pedagógica, mas como um espaço onde esse jogo se faz vivo. Um jogo que não é ensinado, nem dirigido, mas que emerge da própria criança, de suas necessidades internas, de seus gestos e de sua forma singular de se relacionar com o mundo. Ao longo deste percurso, o Ateliê Pintante foi se constituindo como um território sensível dentro de um Centro de Educação Infantil em Fortaleza/CE, onde a pintura pôde ser vivida em sua dimensão mais essencial, não como produção estética ou com orientações sobre como fazer suas pinturas, mas como uma linguagem própria da criança, como experiência e como necessidade. Inspirado nas concepções de Arno Stern, esse espaço possibilitou que as crianças se relacionassem com o fazer artístico de maneira livre, sem a pressão de corresponder a expectativas externas, além de vivenciar no cotidiano a valorização da educação artística na infância.

Foi possível observar, quando a criança encontra um ambiente que respeita seu tempo e sua forma de expressão, ela se envolve de maneira mais profunda. A permanência no gesto, o desejo de retornar ao ateliê e a autonomia na exploração dos materiais revelam que o ato de pintar passa a fazer sentido para a criança, não pelo resultado, mas pela experiência que proporciona.

Nesse contexto, o “jogo da pintura” mostrou-se como um elemento central, permitindo que a criança criasse por si e para si, sem medo de errar, sem necessidade de agradar e sem ser submetida a comparações, o ambiente fortalece não apenas aspectos expressivos e motores, mas também a confiança, a autonomia e a relação da criança consigo mesma. Além disso, destaca-se o papel do adulto como aquele que sustenta esse espaço, organizando o ambiente e garantindo as condições necessárias para que o jogo aconteça, sem interferir ou interromper o processo da criança. Essa postura exige sensibilidade, escuta e sobretudo, confiança na potência da infância.

Dessa forma, o Ateliê Pintante afirma-se como um espaço de preservação da expressão infantil, alinhado aos princípios éticos, políticos e estéticos da Educação Infantil. Um lugar onde a criança pode experimentar, criar e se expressar sem ser medida, corrigida ou conduzida.

Por fim, esta experiência reforça a importância de garantir, no cotidiano das instituições educativas, espaços que acolham a infância em sua singularidade, espaços onde o fazer tenha valor em si, onde o tempo não seja apressado e onde a criança possa, simplesmente, jogar, com seus traços, suas cores e seus sentimentos, construindo, assim, sua própria forma de estar e existir no mundo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF: MEC/CNE, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

STERN, Arno. **A expressão: problemas da pintura infantil**. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

STERN, Arno. **Le dessin de l'enfant**. Paris: Delachaux et Niestlé, 1965.

STERN, Arno. **Uma nova compreensão do desenho infantil**. Lisboa: Livros Horizonte, 1965.

STERN, Arno. **Aspectos e técnicas da pintura de crianças**. Lisboa: Livros Horizonte, 1974.

GOLDBERG, Luciane. **O que pode a educação infantil aprender com Arno Stern sobre arte na primeira infância?** Revista Artes de Educar, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 129-152, 2025.

MALAGUZZI, Loris. Histórias, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (org.). **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

